

OBS.1- Você pode comentar como surgiu a ideia de fazer o Festival? As mudanças que ocorreram desde sua criação?

Luiz Gustavo Carvalho (L.G.C) - Tendo saído do Brasil em 1997 para prosseguir os meus estudos de música na Universidade de Música de Viena e, posteriormente, no Conservatório Tchaikovsky, em Moscou, iniciei a minha carreira na Europa e sempre participei com grande fascínio de festivais em diversos países. Estes festivais, que muitas vezes acontecem em pequenos vilarejos, são marcados por uma atmosfera efervescente e por um despojamento, além de uma completa harmonia entre a população local e os artistas. Esses fatores sempre me deixaram claro que a palavra festival tem a sua origem a partir da palavra “festa”.

Por outro lado, as outras linguagens artísticas sempre foram tão importantes para mim como a música. A literatura e as artes visuais foram sempre uma fonte de inspiração para o meu universo pianístico e, muitas vezes, aprendi muito sobre música assistindo um filme ou indo ao teatro.

Creio que estes dois elementos foram decisivos para pensar o cerne do Festival Artes Vertentes: um festival que possa incluir todas as formas de expressão artística e provocar um diálogo entre estes universos artísticos e que aconteça em harmonia com o patrimônio histórico de Tiradentes e com a sua população.

Há uma tendência no Brasil extremamente comercial na visão de um festival. Não falo aqui de profissionalismo, pois este é uma premissa para a realização de qualquer festival. Quero dizer que, muitas vezes, no Brasil um festival passa a ser uma mera vitrine, onde “produtos” são vendidos por uma indústria da cultura que nem sempre está preocupada com o conteúdo do que está sendo trazido para a população. Creio que um festival é um momento de intenso contato com a arte. Tanto para os artistas participantes quanto para o público e para a população, é o momento do encontro com o belo, mas também com o desconhecido. E isso é somente possível, se pensarmos em arte e cultura não somente como uma forma de economia, mas, sobretudo como uma ferramenta para o enriquecimento humano.

OBS.2- Como é pensada a programação e o tema chave a cada edição do Festival? Em 2015, por exemplo foi Crime e Castigo de Dostoiévsky.

L.G.C. - Desde a sua criação, cada edição do Festival Artes Vertentes tem um mote curatorial que permeia toda a programação. Cada mote curatorial propõe uma reflexão sobre aspectos importantes para a nossa sociedade. Se em 2015 o mote curatorial trazia o nome do romance homônimo do escritor russo Fiódor Dostoiévsky, a programação do Festival fazia uma reflexão sobre a ética e moral, que são aspectos perenes do livro Crime e Castigo. A partir desta ideia inicial, foram criadas pontes que discutiram desde a origem de ética e moral na Antiguidade (através da figura mitológica da Quimera) até a noção de ética e moral nos dias atuais.

É também durante a curadoria que são traçadas as pontes entre as diversas linguagens artísticas contempladas pelo festival: música, literatura, artes visuais, artes cênicas e cinemas. É necessário um grande trabalho de pesquisa, à fim de ver onde encontram-se as intercessões entre cada área, quais os pontos de diálogos possíveis e também os pontos contrastantes. Somente a partir deste trabalho é possível tomar decisões e constituir toda a programação.

E também sempre procuramos convidar artistas que estejam interessados em trabalhar com outras linguagens artísticas. Obviamente que o nível artístico de cada artista individualmente deve ser excelente e temos sempre um nível de exigência muito grande com este ponto. Mas o Artes Vertentes é um dos poucos festivais no Brasil que permite que um músico realize um trabalho intenso com um fotógrafo ou bailarino durante uma semana. Esta oportunidade de trabalhar e conviver com personalidades de diferentes universos artísticos é muito especial e creio que pode ser uma experiência enriquecedora para cada artista. E, obviamente, é também enriquecedora para o público que pode desfrutar de uma programação rica em diversas áreas.

Durante toda a história do Festival Artes Vertentes temos tido o cuidado de deixar alguns traços do processo criativo fomentado pelo festival. Isso acontece através de publicações literárias, fonográficas e audiovisuais, mas também através de obras encomendadas pelo Festival Artes Vertentes. Durante as quatro últimas edições, foram três encomendas musicais, duas encomendas de espetáculos de teatro e dança e uma residência na área de artes visuais. Creio que propiciar essa oportunidade para que o processo criativo aconteça em Tiradentes e para o Festival Artes Vertentes é extremamente importante. Há uma grande diferença entre um festival simplesmente contratar espetáculos já existentes e trazê-los para Tiradentes e um festival fomentar um processo criativo. Tenho convicção

que somente através do incentivo e fomento de novas criações, um festival justifica a sua existência no cenário brasileiro atual.

Em 2016, quando o Festival Artes Vertentes acontecerá pela quinta vez, teremos como mote curatorial a loucura...

OBS.3- Devido presença de artistas de diversos países e de turistas que acompanham o Festival, isso impacta na vida da população local? Como?

L.G.C. - Obviamente um festival deve ter um impacto na vida da população local e é o papel de um festival também instigar e provocar a vida cotidiana do lugar onde acontece. Simplesmente é necessário ser sensato na programação e sobretudo respeitar sempre a população de cada lugar. Tiradentes é uma cidade especial pela riqueza do seu patrimônio histórico, assim como pelo tamanho da cidade. Por isso, não acho que a cidade comporta grandes eventos, com estruturas montadas em espaços públicos em pleno centro histórico. E acredito que o conteúdo artístico deve trazer um impacto para a população.

Uma cidade pequena é muito mais propícia para a realização de um festival, pois ela incita o encontro. Ela não dispersa a alma de um festival, ao contrário, promove esta interação entre o público e os artistas. Durante o Artes Vertentes, é possível você assistir um concerto com músicos que vêm do outro lado do mundo e algumas horas mais tarde encontrá-los em um café em alguma rua do centro histórico. Situações deste gênero são impensáveis em uma grande capital e são elas que incitam ao diálogo, que provocam encontros...

Hoje, percebemos que há pessoas que vêm para Tiradentes por causa do Festival e ficam todo o período do evento na cidade. E não é raro ver artistas sendo convidados para um café com pão de queijo na casa dos habitantes da cidade. Alguns artistas chegaram até mesmo a ser “adotados” pelos tiradentinos! Essa interação é responsável em grande parte pela “alma” de um festival.

E além disso, o Artes Vertentes vem ao longo dos anos construindo uma presença perene na cidade através da Ação Educativa que estamos desenvolvendo no município.

OBS.4 - Você pode comentar o porquê das atividades que incluem, principalmente, o público infantil? E como são pensadas as ações educativas para este público?

L.G.C. - A Ação Educativa do Festival Artes Vertentes nasceu logo após o término da primeira edição, pois temos a certeza que somente através de um trabalho contínuo e regular com as crianças do município é que pode-se atingir resultados significativos a longo prazo. Muitas vezes, atividades desenvolvidas por projetos culturais de curto prazo, têm uma boa intenção, mas não é possível desenvolvê-las de maneira adequada, pois é necessário uma imersão na realidade cultural local. Desde 2013 estamos desenvolvendo uma série de oficinas, ministradas gratuitamente para o público infantil de Tiradentes e da região, incluindo também a zona rural do município. Estas oficinas não são meramente lúdicas, mas têm o propósito de oferecer às crianças ferramentas para que possam compreender o mundo através da arte e servem também como uma pequena iniciação artística. O trabalho é desenvolvido em parceria com a Prefeitura e a Secretaria de Educação de Tiradentes, assim como com as associações dos bairros da cidade. Já observamos uma transformação nas crianças que frequentam as oficinas de artes visuais desenvolvidas pelo festival há dois anos.

Buscamos criar uma forma de interação com o festival, e desta forma, parte do resultado destas oficinas são apresentadas ao público durante a programação do festival. São também organizadas visitas guiadas às exposições para as crianças da cidade, assim como concertos didáticos e espetáculos cênicos que acontecem nas escolas.

OBS.5 - Qual é a reação do público diante das misturas estéticas que são apresentadas? Comente.

L.G.C. - Creio que o público tem sido bastante receptivo, atento, curioso e perspicaz. Procuramos trazer uma programação que promova também um diálogo entre a riqueza barroca da cidade e o universo artístico contemporâneo. Desta forma, apresentamos, por exemplo, a obra do compositor palestino Samir Odeh-Tamimi, em 2014. Antes de vir para Tiradentes, Samir havia sido convidado pelo Festival de Salzburgo para a estreia da sua obra “Mansur”. Eu estava muito nervoso, pois não sabia como seria a reação à obra dele em Tiradentes. Mas o que encontramos foi um público atento e extremamente aberto. Isso prova que é possível a coexistência da arte contemporânea junto com o

legado deixado pelo barroco colonial. Muitas vezes, creio que existe uma espécie de dogma com relação a esta coexistência e isso é lamentável.

Percebemos também que com o tempo, a riqueza de uma programação interartes vem ganhando mais e mais público. Muitas pessoas que vinham para o festival no início por causa da programação musical, por exemplo, hoje em dia passaram a frequentar exposições ou a ler poesia.

OBS.6 - Quais são as suas percepções sobre o impacto do Festival junto aos artistas que tem seus trabalhos apresentados, ou que se apresentam aqui?

L.G.C. - Nas artes visuais, o Festival Artes Vertentes apresentou alguns nomes que depois percorreram o país. A exposição do fotógrafo lituano Antanas Sutkus, que foi apresentado ao público brasileiro durante a edição de 2012 do festival, teve uma ressonância tão positiva, que foi exibida em posteriormente em 14 cidades brasileiras. A obra do nigeriano James-Iroha Uchechkwu e do russo Serguei Maksimishin também tiveram grande impacto e já recebemos convites para levar estas exposições para centros de grande importância para as artes visuais.

Desde 2015, criamos também uma residência artística na área de artes visuais, em parceria com a Universidade Federal de São João del Rei e com a Universidade Federal de Minas Gerais.

E nas outras linguagens, vimos que o Festival serviu como uma plataforma de encontro para diversos artistas que agora estão desenvolvendo um trabalho conjunto em outros palcos. Ver estes frutos, fomentados pelo Artes Vertentes, é extremamente gratificante.

OBS.7- Do ponto de vista do processo artístico, qual é o principal desafio para pensar o Festival para que ele sempre dialogue com as expectativas do público (já frequentador) e ao mesmo tempo para atrair novos públicos? Isto é possível? Como?

L.G.C. - O maior desafio durante o processo artístico é pensar em uma programação equilibrada, que tenha o mesmo peso em cada uma das linguagens artísticas abordadas pelo festival. E obviamente é necessário de puxar um fio por toda a programação do festival, para que a temática de uma exposição leve a um espetáculo de teatro e este espetáculo encontre então uma reação na programação musical, e assim por diante.

Alguns artistas participaram do festival Artes Vertentes por mais de uma edição e é muito interessante observar como com alguns foi criado um vínculo quase afetivo entre a população e o artista. No entanto, procuramos sempre diversificar não só os artistas convidados, como também as linguagens abordadas, para desta forma podermos abordar e conquistar novos públicos. Este ano, por exemplo, estamos trabalhando na confecção de um desenho animado, que será ao mesmo tempo o resultado de uma das oficinas da Ação Educativa do Festival. Trata-se de uma linguagem até então nunca abordada pelo festival e espero que ela possa abordar um novo público.